

pre gorado de um cavallo exausto. O Asclepiades, demais, era de ordinário entediante como um livro lido e viciado, que se abre na mesma página e mostra obstinadamente as mesmas palavras ao leitor. Por fim appareceu D. Claudina, azafamada e grave: o doutor desculpasse, Florzinha estava prostrada com uma enxaqueca medonha e parecia que tinha febre. Esteve na sala ainda alguns minutos por cortesia e, pedindo licença, voltou às suas lides. Então Alípio, aborrecido, tomado de um súbito rancor por toda a gente daquela casa, logrado no sincero alvoroço com que ia ver Florzinha, levantou-se, despediu-se, atarantadamente de Asclepiades e voltou à casa, sem esperar pelo almoço, para o qual chegava naquele momento o padre Balbino.

— Já te vais? perguntou este surpreso.

— Florzinha está incomodada; voltarei mais tarde.

Asclepiades foi buscá-lo para jantar, mas ele resistiu, declarando que só appareceria à noite. E à mesa rompeu o silêncio para precisar ao tio a sua resolução: só pediria Florzinha quando voltasse da Capital.

CAPÍTULO XVII

PELAS OITO HORAS DA MANHÃ apresentou-se à porta do coletor um portador da Varjota.

O Capitão Galdino teve um sobressalto:

— Há alguma novidade? Há algum doente em casa?

— Nada, não senhor! tá tudo bom. Vim trazer uma carta da madrinha.

O capitão recebeu a carta e afastou-a dos olhos para ler. Dizia-lhe a mulher que o Cazuza havia declarado embarcar para o Amazonas na primeira oportunidade. O motivo era a paixão do rapaz pela prima. Estava muito aflito. Eis em que dava fazer-se bem a desconhecidos. O Amazonas seria a desgraça do filho! E de tudo lançava a responsabilidade no pracião, que lhe metera o caiporismo em casa. Bem que o coração lhe dizia! Asclepiades carregou com ele para lá a fim de arranjar esse casamento, que era, afinal, a causa de todos esses vexames. E mais isto e mais aquilo, D. Maroca enchera uma folha de papel almaço com sua letrinha miúda e acanhada, como de criança. Voltasse depressa e com o dentista, concluía, pois a Luizinha passou mal, e o queixo ameaçava estourar por fora.

O fazendeiro leu por entre as linhas uma injunção da mulher: influir no ânimo da irmã e mesmo do cunhado para não se fazer o casamento de Florzinha com o bacharel. Mas ao seu amor-próprio repugnava esse expediente: se os parentes não se tinham lembrado do seu filho para genro (idéia que sempre acariciara intimamente), também não iria agora atrapalhar seus planos, mendigando tal concessão. Antes o rapaz fosse para o Amazonas e por lá morresse. . . Qual! não fazia desses papéis! Queriam um genro doutor? Que fossem muito felizes. Demais, falaria ao filho: noivas não lhe haviam de faltar, era só ele abrir a boca. Queria muito bem à sobrinha, mas não podia exigir a mão dela em troca dos benefícios feitos aos pais.

— Ingratos! resmungou, dobrando e desdobrando a carta.

— Que há? perguntou saindo o Asclepiades, vendo o portador e a atitude meditativa do fazendeiro.

— Nada, é a mulher que manda pedir mais algumas coisas.

— Bom, até já, vou à casa do compadre.

— Para que havia de dar este homem depois de velho! rosnou-lhe o fazendeiro pelas costas.

E continuou em suas reflexões: nada faria para estorvar casamento, mas sempre queria desabafar com a irmã. Ah! isso não perdoava. Esta passava para a cozinha e ele chamou-a e, levando-a para o gabinete ao lado, leu-lhe toda a carta.

— Aqui tem a senhora a explicação de todo este embrulho. Desde já lhe declaro que não penso nem por sombras em opor embaraços ao casamento de sua filha com o príncipe Alípio; mas sempre quero botar pra fora uma queixa antiga. Eu tenho um filho, vocês têm uma filha: o natural seria casarmos-los. Seu marido costuma dizer que não gosta de casamentos entre parentes; mas eu bem vejo que isso é um pretexto para enjeitar lá o meu matuto, que não dança valsas, não faz discursos, nem tem um canudo de doutor. Eu compreendia tudo, mas, para não dar o braço a torcer, prestei-me até a auxiliar os seus intentos, recebendo o doutor em minha casa como uma pessoa da família, apesar de ter notado que a menina não morria de amores por ele. Deus queira que tudo corra à feição dos seus desejos e vocês nunca tenham que se arrepender dessa bazófia de ter um genro formado.

— Ora, Galdo, não seja injusto comigo! protestou a matrona ressentida. Você bem sabe que eu não tenho culpa alguma do que sucede. O que dei a entender a minha filha, e hei de cumprir, foi que ela só casaria com quem muito bem quisesse. Seja ela feliz e pouco me importa que case com um lavrador, bodegueiro ou o que quer que seja. Se ela manifestasse inclinação ao primo, poderia eu

desejar um noivo melhor para ela? Mas a verdade é que o Cazuza a tratou sempre com indiferença, e, digo-lhe mais, até com uma certa grosseria.

— Por força! o pobre rapaz não tem jeito para lidar com moças letradas e, demais, conhecia o propósito do senhor meu cunhado. Afinal de contas, rematou com azedume e tristeza, eu sou quem vai ficar sem ele, vê-lo largar-se por esse mundo como um retirante para morrer talvez nos seringais do Amazonas.

O fazendeiro tinha os olhos úmidos, e as lágrimas caíam grossas e longas dos de D. Claudina.

— Se você soubesse, exclamou esta, limpando o rosto com a manga do casaco, que tormentos eu tenho passado depois que esse homem chegou a esta terra! Até estimaria que ele fosse embora dum dia para o outro e nunca mais aparecesse.

— Agora é tarde, mana; a menina está comprometida, e vocês não podem mais recuar. O Asclepiades é capaz de morrer de desespero. E deixemos de tolices; leve o diabo as tristezas. Eu raspo-me para casa e hei de dar as voltas no meu rapaz. Lá com a mãe ele faz o que quer, mas, comigo, outro galo canta. Meto-o em brios, mostro que um homem não deve fazer figuras tristes. Isso de amores é como as tempestades: muito barulho, muito fogaréu, e depois o céu fica limpo outra vez. Quem sabe se o Cazuza ainda não casa primeiro do que Florzinha? Bem pode ser que eu veja os dois filhos amarrados no mesmo dia.

— Já marcou o casamento de Luizinha?

— Não, vou combinar a coisa com a mãe do Matias. Eu cá não ando de lanterna acesa a escolher noivos para os meus filhos; gostou, é boa pessoa, é três-zás está feito. Faço lá questão de posição nem de dinheiro! Quando me casei que era eu no rol das coisas? Entretanto, vocês tinham uma prevenção contra o Matias...

— O Asclepiades; eu, não; até simpatizo muito com ele e com D. Joaninha. E já que estamos em maré de franquezas, deixe dizer-lhe uma coisa: desconfio que a Florzinha teve sua queda por ele.

O capitão olhou-a surpreso:

— Homessa agora!

— Coisas de criança, muito às escondidas, mas eu bem que percebi. Filho a mim não me engana. Mas estava tudo acabado quando ela foi para lá.

— Está bom, disse o fazendeiro, terminando a entrevista; fica uma coisa pela outra: fiquem vocês com o seu pracião, que eu vou botar o meu poeta a campear gado e pegar no rabo da enxada. E mande aprontar meu cavalo enquanto vou à casa de D. Joaninha e

prevenir o pernambucano. Na volta é só montar e atirar-me no rumo de casa.

Mais tarde, com todo o sol de meio-dia, o capitão e o Florêncio seguiram para a Varjota.

Asclepiades estimou bastante a retirada do cunhado, que o intimidava dentro de sua própria casa e lhe estorvava os movimentos com a sua franqueza rude e maneiras despóticas: o homem pensa que está falando com os vaqueiros na fazenda! O casamento de Luizinha, tinha ele declarado, seria para setembro ou outubro.

— Não sei que graça aquela sua gente achou no tal senhor poeta das dúzias, comentava Asclepiades, um pobre-diabo sem eira nem beira!

Mais tarde Florzinha recebeu a visita de D. Joaninha. Esta já não apresentava o seu ar de azeda desconfiança e altivez hostil peculiar a certos pobres, que não querem ser suspeitados de precisar de esmolas. Ela mesma se alardeava de “pobre soberba”, ostentando uma superioridade moral que dava uma certa majestade ao seu surrado vestido preto. A reabilitação do filho pela aliança com uma família abastada e influente, conquanto lhe parecesse o simples reconhecimento de um mérito até então incompreendido, atuava docemente sobre o seu caráter e fazia-lhe antever um bem-estar do qual jamais havia desesperado. O capitão Galdino sempre fizera justiça às qualidades do seu defunto, e era por amor de sua memória, sem dúvida, que dava a mão da filha ao seu Matias, tão desprezado pela gente de Ipuçaba. Trazia no bolso e relia com desvanecimento as cartas que o filho lhe escrevia da Varjota, cartas jubilosas, minuciosas, íntimas, como se fossem feitas a um confidante a quem se diz tudo com entusiasmo e confiança.

D. Joaninha antipatizava Asclepiades, mas estimava a sua família, em quem descobrira benevolência pela primitiva inclinação do filho. Mais que o propósito de visitar Florzinha, porém, trazia-a àquela casa o desejo de mostrar-se ao coletor como a mãe do noivo que o Capitão Galdino escolhera para sua filha única. O seu orgulho ferino precisava do bálsamo daquela desforra e o seu contentamento exaltou-se quando Florzinha lhe transmitiu um afetuoso recado da futura nora.

— E o seu, Florzinha, quando será? perguntou D. Joaninha depois de aludir à época provável do casamento do filho.

Florzinha apenas respondeu com um mover indiferente dos lábios.

— Mas você não está pedida?

— Ainda não.

A resposta era feita para cortar o diálogo nesse terreno. D. Joaninha falou de outra coisa, mas, de volta à casa, ia entretida com

um certo pensamento que já abrigara antes, para lenitivo do seu despeito; agora, como a sua felicidade de alma excelente a tornasse campo sáfaro para a maldade, esse pensamento já não era um derivativo, e até a compungia um pouco. “E se o pracião não casar com Florzinha?” Ela via nisso um castigo à soberbia do Asclepiades, mas já não o desejava, porque pecara também em desejá-lo, e temia que a justiça do céu se estendesse a ela no momento em que folgava do benefício.

Florzinha voltara da Varjota assombrada com a descoberta que fizera dos sentimentos do primo, a quem tratara sempre como um irmão arisco e rude, de uma educação, de uma índole incompatível com a sua. Sentia-se agora premida pela garra de uma nova mágoa; Luizinha escrevera-lhe também falando da resolução do irmão, do desespero da mãe, e afirmava o que ela já percebera sobejamente: “Ele gosta de ti, minha prima!” Sua alma debatia-se no meio desses desgostos, como um pássaro colhido pela tempestade. Julgava-se a vítima de uma conspiração de gênios malfazejos, e um terror supersticioso apoderava-se dela, tão fraca, tão criança, tão inocente de todas essas paixões que a assediavam implacavelmente. Despojara-se sem um queixume do seu primeiro e recatado afeto; sacrificara-se à vontade paterna aceitando o amor de um homem a quem não detestava mas temia, e depois ainda tinha que despedaçar o coração do primo e tornar-se responsável pela infelicidade de uma família, que era a sua! Sofrer sem culpa já não lhe custava, na rápida aprendizagem que fizera do sofrimento; mas, sem culpa ainda, ocasionar o infortúnio dos outros, era um excesso de infelicidade. E um presentimento de misteriosas desgraças povoava-lhe a mente de infinitos terrores. Pôde então compreender como se deseja sinceramente a morte, idéia que sempre lhe parecera insensata e mentirosa. Eis em que, dentro de poucos meses, se tornara a sua vida: uma angústia para a qual a morte se tornava o único remédio possível. E eram as pessoas mais queridas os autores de sua desgraça! Não se atrevia a culpar Alípio: esse, ou se submetera, como ela, a vontades estranhas, ou a queria deveras, e sabia-se invejada por essa preferência, considerada como uma certa magnanimidade da parte dele. Qualquer outra que ele desejasse lhe dariam solitamente, e ele também se sacrificava preferindo-a, quando poderia aspirar a um grande casamento com essas moças ricas do sul, às quais aludia às vezes pilheriando ou referindo-se a colegas que, tendo de seu apenas a carta, haviam entrado para famílias milionárias de Minas e São Paulo. Invejavam-na, e ela estava ali a chorar de ser invejada. Deixar sua mãe, largar-se por esse mundo para o meio de gente estranha, com esse homem, que apenas conhecia o bastante para

avaliar a enorme diferença de temperamento e de educação que havia entre eles... E, caída no leito, numa ânsia triste e muda, esperava que a mãe desse uma palavra de conselho e de consolo.

Esta, porém, tão perturbada como a filha, cntrava e saía, exagerando as suas ocupações para demorar a cena das confidências iminentes. Florzinha aguardava-as numa impassibilidade aparente, sem ter chegado sequer a esboçar uma resolução; sentia a impressão de vir rolando por um declive sem poder parar, sem poder pensar calmamente, na tonteira do seu involuntário passo para o desconhecido. Por fim D. Claudina sentiu-se arrastada para junto da filha e incapaz de inventar pretextos de esquiva. Sentou-se ao lado dela, tomou-lhe a mão e, hesitando a cada palavra:

— Minha filha, nós precisamos conversar seriamente sobre este negócio do teu casamento. Eu prometi a Deus e a ti que nada se faria nesse sentido contra a tua vontade. O Dr. Alípio está de viagem e antes de seguir pedirá talvez a tua mão, conforme nos disse o compadre vigário. Bem sabes que teu pai não admite uma recusa de tua parte; mas, se tu não quiseses, eu estarei contigo e me encarregarei de o dizer ao doutor, aconteça o que acontecer. O pior de tudo é essa história do teu primo... A Luizinha mandou-te dizer?

Florzinha fez — sim — com a cabeça.

— E tinhas desconfiado alguma coisa lá?

Novo sinal afirmativo.

— E a comadre que fazia?

— Madrinha andava triste e séria comigo, como se eu tivesse culpa de nada!

— E o teu primo não aparecia em casa?

— Lá uma vez por outra, às escondidas. Ultimamente eu nunca o via.

Houve uma pausa. Decidindo-se a levar as coisas ao cabo, D. Claudina perguntou de chofre:

— E qual a tua vontade no meio de tudo isto?

— É voltar para o colégio e de lá não sair mais.

A matrona, assustada, protestou:

— Não, minha filha! isto é que não é possível.

— Então façam de mim o que quiserem, replicou Florzinha com desabrimento.

— Mas... aventurou D. Claudina, hesitando, tu não preferirias... teu primo?

— Não.

— Por quê?

— Porque não tenho simpatia por ele e não quero ficar aqui.

D. Claudina compreendeu.

— Neste caso, dirás que sim ao doutor?

Florzinha moveu os lábios para significar a sua indecisão.

Então D. Claudina quis acentuar bem a sua atitude:

— Tu sabes que eu nunca tive entusiasmo pelo teu casamento com o Dr. Alípio, e o meu propósito foi sempre tomar o teu partido, fosse qual fosse. Não tenho confiança em praticano, e principalmente nesse, que não me parece ser o marido que te convém. Bem sei que gostavas de outro, que já está comprometido, e do qual teu pai não queria nem ouvir falar. Eu também não via futuro nenhum nessa tua inclinação de criança. Opor-se agora à vontade de teu pai seria matá-lo. Além disto...

— O quê?

D. Claudina ia aludir aos amores de Alípio com a professora, mas teve receio de fazê-lo, e procurou rapidamente outra objeção para responder à interrogação da filha:

— Além disto, eu não gosto de noivos que viajam: há tantos que não voltam! Olha o Zé Lima: foi para a Capital colocar-se, deixou moça pedida, e lá se casou com outra.

— Não faz mal: se isto acontecer, já nada me impedirá de ir para o colégio.

— Teu pai tem muitos meios para te sustentar no colégio!

— E paga-se para ser freira?

— Freira! Isso não serás enquanto eu for viva.

A conversação tinha girado indiferentemente à superfície da alma, cada uma das duas mulheres evitando descer ao âmago do sentimento, onde a dor latente latejava, pronta a sangrar ao primeiro contato da realidade. Foi refletindo mudamente, sem o derivativo nervoso da palavra, enquanto ambas aprofundavam com o pensamento os sítios dolorosos de seus corações, que se romperam os diques das lágrimas. Os braços se entrelaçaram com ímpeto, as faces se procuraram com frenesi, os peitos unidos bateram no descompasso da aflição. Elas eram como duas aves de asas feridas que se juntassem para voar ainda, ou como duas naves em perigo que se unissem para flutuar ou soçobrar juntas. Os seus soluços valiam por juramentos de um pacto de vida e morte, contra o qual nada pode uma vontade estranha.

Aquela tempestade íntima teve apenas alguns minutos de violência aguda; depois veio a saciedade, comum igualmente à dor e ao gozo e em que entra tanto o cansaço físico como o constrangimento da prática de um excesso. A nuvem fugia pouco a pouco levando no seio os agentes da borrasca; e os dois bustos, unidos apenas, arfavam a quando e quando batidos pelas últimas lufadas gradativamente enfraquecidas. Por fim, as duas mulheres se desprenderam

e encararam-se, com os olhos cheios d'água e de chama. Mas logo se desfitaram e o pensamento empolgou-as, isolando-as, para imperar com mais segurança. Cessara a correlação magnética das duas almas, reintegradas agora na posse do seu diverso sentir e do seu pensar individual. Do contato profundo e sincero ficara, porém, a certeza consoladora de uma solidariedade indestrutível.

— Que havemos de fazer, então, minha filha? perguntou a mãe quando pôde falar.

— A vontade de papai, respondeu Florzinha, com uma tranquilidade que parecia resignação. Mas com a condição de ele mandar-me para o colégio se não se fizer o casamento.

D. Claudina era desses caracteres avessos às lutas, indolentes, gostando de só trilhar as estradas batidas e suaves, embora menos pitorescas, pela ausência de acidentes. Apoiar a filha satisfazendo ao marido era, no momento, o partido mais fácil e mais cômodo.

— É o mais razoável, concordou ela; assim como assim, mais vale obedecer a teu pai. Haja o que houver, ninguém poderá acusar-te de proceder mal. E quem sabe? talvez a tua felicidade...

E, dando a questão por terminada, levantou-se mais aligeirada de suas preocupações, dizendo à filha:

— E vai vestir-te porque teu pai não tarda aí com o doutor. Vou tratar do almoço.

Alípio recebera à tarde um recado de Bilinha chamando-o. A Benvinda impingira sua história ao Florêncio, e este, acreditando-a com a simplicidade de sua boa fé de apaixonado e com a sua propensão doentia para o romanesco, fora imediatamente solicitá-la, prevenindo qualquer objeção com a insinuação velada de que conhecia o seu passado e estava pronto a desposá-la sem mais detença. Ameaçada de perder o seu lugar, abandonada de Alípio, que estava noivo e a evitava nesses últimos dias, ela não se resolvia entretanto a agarrar-se à tábua que se lhe estendia no momento da submersão iminente. Queria ainda ver Alípio, queria ouvir-lhe a voz pela última vez, dizer que lhe perdoava e — o que não havia dito ainda — que o amava. Não pensava em estorvar a sua felicidade, nada pedia, nada recriminava, não lhe queria mal nenhum. Esperou-o a noite quase inteira, sentada na espreguiçadeira da sala, estremecendo ao menor ruído de passos na rua, sobressaltando-se ao menor estalo da porta impelida pelo vento. Já pela madrugada deitou-se, vestida, trêmula de fraqueza e de angústia, e depois chorou convulsamente, alucinadamente, até que a luz da manhã desenhasse nos interstícios da telha-vã do teto os simbólicos punhais de fogo, que ela descobrira pela primeira vez ao amanhecer insone da noite de sua queda.

Quando se ergueu alto dia, combalida e envenenada de ódio, esperou com impaciência o Florêncio para dizer-lhe toda a verdade. Este apareceu à hora costumeira do café, quando a criança se entregava no quintal aos brincos do recreio. Mas perante aquele homem indiferente a ela, e que dizia adorá-la, que não queria aludir à sua conduta anterior, o seu pudor e a sua astúcia feminina fecharam-lhe a boca às confissões.

— Pois sim, senhor Florêncio, com a condição de casarmo-nos na Capital, disse ela, depois de lhe ouvir mais uma vez os protestos de afeição e os planos risonhos da existência que ele lhe oferecia. O senhor não tem um amigo na Fortaleza a quem telegrafe para arranjar-me uma licença?

— Tenho um tio que é chefe de seção na Secretaria do Interior. Mas não é preciso; eu não quero que a senhora continue a ensinar meninos.

— Depois veremos isto. Vá passar o telegrama, porque quero seguir sem demora.

Pressuroso e radiante, o cavalariano correu à estação telegráfica, que era uma antiga casa de família, cujo aspecto primitivo e tacanho parecia protestar contra as ingresias²⁴ dos fios e dos aparelhos a adorná-la incongruentemente. Como fizera antes Asclepiades, Florêncio andou de porta em porta pelas casas conhecidas, dizendo a quem se encontrava: “Sabe? tive hoje o sim de Bilinha.” E logo se criou e se propagou uma pilhéria maliciosa: “Sabe? — diziam — o Florêncio vai casar com a Bilinha.” E acrescentavam, com um sorriso sardônico: “Que homem feliz!”

Bilinha só mais tarde pediu ao noivo que guardasse reserva sobre o caso. Combinaram que ele regressaria por terra ao Recife para liquidar os seus negócios e depois iria encontrá-la na Fortaleza, para onde ela deveria seguir logo que chegasse a licença.

Alípio fez um grande esforço para escusar-se ao chamado da amante, mas somente a compaixão e um sentimento de galanteria o impeliavam ainda para o lado dela. Sentia que poderia vê-la sem que a tentação o assaltasse mais uma vez.

A outra assenhoreara-se absolutamente do seu ser desde o momento em que ele lhe apertara a mão de volta da fazenda. Ainda tentara enganar-se, apelando para o prestígio de suas antigas ambições de fortuna e de triunfo mundano; evocara o seu passado de

²⁴ Não se trata de palavra originariamente regional. É corruptela, segundo Gonçalves Viana, da palavra *inglês* (ingrês), resultante do fato de serem na maioria ingleses os mecânicos nas grandes companhias de transporte, elétricas e industriais.

boêmio livre e cético; mas a recente moléstia modificara-lhe a índole, abrira uma solução em sua vida, e aquém desse hiato negro, donde vira de perto a morte, uma outra existência começara, sentimental e resignada, solicitando ternuras castas e consoladoras.

Fora aquele ambiente carinhoso e puro da estância sertaneja que lhe propinara o filtro transformador de seus sentimentos. E, por outro lado, a visão daquele corpozinho virginal e formoso lhe escravizara para sempre os sentimentos. A posse ulterior do corpo da amante teria sido apenas um bruto gozo carnal se a imagem da outra não se interpusse para assemelhá-lo a si, fazendo prelibar-se num idealizado complexo nupcial. A carne da pecadora já não tinha sabor próprio: era um fruto que alienara mesmo a sua forma e que sabia a outro, cujo gosto adivinhado o obcecava.

A demora do seu encontro com essa criatura, que ia ser sua, exasperava-lhe a ansiedade de vê-la, de falar-lhe, de acariciá-la com toda a efusão de sua nascente sinceridade. E deleitava-se com a satisfação, nova para ele, de sentir-se fundamente, ingenuamente verdadeiro nas palavras que lhe diria para exprimir o seu afeto, o primeiro real e desinteressado que experimentava desde que deixara de ser simples para tornar-se o homem forte, colocado desdenhosamente à margem do sentimento, na indiferença ambiciosa do seu egoísmo risonho. Vestiu-se para o almoço em casa da noiva. O Asclepiades não se conteve que não viesse buscá-lo para mostrar-se ao seu lado pelas ruas a fim de todos esses "botocudos" verem bem que o Dr. Alípio ia ser o seu genro: ainda se atreveriam a ridicularizá-lo?

A cidadezinha não se diferenciava tanto do campo circunjacente que não denotasse na vegetação de suas praças e terrenos baldios a crise dolorosa do fim das águas. O mata-pasto, amarelado, vagueava, fechando a sua vida efêmera com a messe dessas sementes que deviam reproduzi-lo na estação seguinte. A temperatura descia um pouco todas as noites, e a terra, farta d'água, desprendia ligeiros vapores que punham um véu tênue sobre as tintas sempre cruas da paisagem.

Era o tempo da ferra dos bezerros e da libertação do gado, para o qual o vaqueiro abre comovido as porteiras do curral, a modular o saudoso aboio de despedida. Em breve viria o verão áspero e implacável cortando os rios e dessecando as grandes lagoas azuladas, empenachadas de pacaviras e povoadas das infinitas aves aquáticas com a sua eterna música, que é como um hosana perene da estação bendita. A terra ia despojar o seu manto verde para gozar os bens em que se haviam transformado as esperanças vingadas, e havia nesse declinar das coisas como uma repousada placidez de mater-

nidade. Em breve toda a folhagem cairia como uma túnica rota e apareceriam nuas, requeimadas e angulosas, as árvores, feridas de morte aparente durante os longos meses da canícula. Fugiriam todas as aves joviais e delicadas que só podem viver no frescor veludoso dos recessos virentes; e em formidáveis revoadas fatídicas, como lúgubres arautos da seca, se despejaria sobre os campos combustos a praga das avoantes, famélicas e destruidoras. A natureza chegara ao seu fastígio, e aquele ouro que a cobria nesse momento ia fundir-se ao sol inclemente para pôr a nu a sua desolada senilidade. As folhas amarelas são as cãs da floresta: era fugir enquanto a sua cabeleira começava apenas a patentear os primeiros sinais de velhice.

— Está acabado o inverno, disse o Asclepiades, impressionado a seu modo pelo aspecto da vegetação.

— Isto deve ser horrível pelo verão, observou Alípio, que antevia o espetáculo do sertão nos meses últimos do ano.

— É muito triste; às vezes falta água até para a gente.

— Antes morar nas praias ou nas serras. Vai muita gente daqui para o Amazonas?

— Vão centenas durante a safra da borracha. Só ficam velhos e crianças. Entre os criadores a deserção é menor, porque o vaqueiro só foge quando vê todo o gado morto e não tem mais um cavalo para montar.

— Povo infeliz e digno de uma terra mais propícia! Eu não compreendo como depois de saírem daqui enxotados pela seca, como cães famintos, esses homens, que vão afrontar a morte no Amazonas, ainda voltem a lutar com essa natureza feroz.

— É esse amor do cearense à terra, que nos salva, do contrário isto seria hoje um verdadeiro deserto.

— Eu era bem criança, mas ainda me lembro dos horrores da seca de 77, e não estou disposto a vê-los outra vez. Colocando-me no Sul, só virei ao Ceará a passeio.

— Ah! Não há terra como o Rio de Janeiro, suspirou Asclepiades, sempre saudoso da sua viagem à capital do País.

Alípio riu-se interiormente, lembrando as troças que faziam a Asclepiades por causa dessa sua remota e inolvidável viagem.

Ao dobrar a esquina para entrar na rua do Asclepiades, viu Bilinha que avançava pelo outro lado, e, instintivamente, voltou o rosto para não saudá-la. Ela, porém, olhou e foi o olhar do Asclepiades, provocante e escarninho, que seus olhos assustados encontraram. Asclepiades exultou com o descaso de Alípio, e achou que era de um gosto superior repetir a chalaça da rua:

— O Florêncio participou-me estar noivo daquela tipa. Que homem feliz, hem?